

JOVENS RURAIS E PROCESSOS DE SUCESSÃO: EM ANÁLISE UMA COOPERATIVA AGROPECUÁRIA NO TRIÂNGULO MINEIRO

Amábile Tólio Boessio
Sheila Maria Doula

1. INTRODUÇÃO

Na academia muitas pesquisas já foram produzidas sobre o tema da sucessão em propriedades da agricultura familiar, assim como vem sendo discutida de forma ampla a sucessão do quadro social em cooperativas de todos os ramos. Porém, ainda não se tem um debate que abarque, além da sucessão familiar da propriedade e da necessidade de sucessão do quadro social, a continuidade da produção agrícola nas empresas familiares geridas pelos associados de cooperativas agropecuárias. Spanevello, Drebes e Lago (2011, s.p.) alertam em sua pesquisa que “a sucessão geracional não diz respeito apenas à sobrevivência das propriedades rurais e da agricultura familiar, mas também a sobrevivência das próprias cooperativas agropecuárias”.

No movimento cooperativista, atualmente, vem ganhando destaque a necessidade da manutenção do sistema no que se refere à sucessão dos dirigentes das cooperativas, assim como se tem mencionado a necessidade de debater a respeito da permanência dos jovens filhos de associados, tanto no quadro social da cooperativa como na propriedade familiar e ainda, na atividade agrícola, pois uma cooperativa agropecuária, além de necessitar de novos dirigentes, necessita obviamente da manutenção dessa atividade por meio de seu quadro social.

No sul do país as cooperativas agropecuárias, em casos específicos, vêm tendo destaque com algumas iniciativas no intuito de aproximar os jovens filhos de cooperados nas atividades da cooperativa. Estudos como de Spanevello e Lago (2007), Rosa e Silva (2010) e Spanevello, Drebes e Lago (2011) mostram alguns exemplos nesse sentido, porém não mergu-

lham na discussão aqui realizada. Ao mapear essas pesquisas se percebe que elas estão concentradas no sul do país, o que abre o campo de possibilidades para a realização de pesquisas nas demais regiões.

Nesse sentido, objetivou-se analisar as ações desenvolvidas pela Cooperativa Agropecuária de Patrocínio – COOPA – no município de Patrocínio, na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba – em relação aos processos sucessórios nas propriedades dos cooperados e no próprio quadro social da organização. É importante mencionar que por ações entendem-se os programas de educação, de capacitação, eventos que aproximem os jovens, os homens e as mulheres nas atividades diárias da cooperativa, projetos que auxiliem na gestão da propriedade familiar não apenas tendo como foco o cooperado, mas também considerando as relações familiares na produção.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada constituiu-se em um estudo de caso e o desenvolvimento da pesquisa apresenta abordagem qualitativa do tipo exploratória. Para a realização da pesquisa de campo foi utilizada como ferramenta de coleta de dados a entrevista. Como exposto por Quivy e Campenhoudt (1998), a entrevista apresenta-se como um instrumento rico em relação à obtenção de informações, pois ocorre uma troca no momento em que o investigador recolhe certos dados que se apresentam bastante sutis, tais como uma simples expressão ou gestos, quando o sujeito da pesquisa é questionado.

Em outubro de 2014 foi realizada a primeira etapa do trabalho de campo, além da pesquisa documental. Foram realizadas 13 entrevistas conduzidas por um roteiro com dirigentes, gestores da cooperativa e com alguns colaboradores (extensionistas, agentes de OQS – Organização do Quadro Social, marketing e RH – Recursos Humanos). A segunda etapa da pesquisa de campo foi realizada em fevereiro de 2015, pois nesse mês foram realizadas as Assembleias do grupo de mulheres da COOPA – AMACOOA e do grupo e jovens – COOAJOVEM; também neste período do ano são

realizadas as reuniões das Comunidades Cooperativistas com a temática da pré-assembleia, quando geralmente é maior o número de cooperados presentes. Para coleta de dados os respondentes foram separados em três grupos divididos por faixa etária e em concordância com a OQS da COOPA, sendo eles: cooperados adultos sem limite de idade, jovens filhos de cooperados com idade entre 18 e 29 anos e ainda os jovens presentes na reunião do grupo COOPAJOVEM.

Com o grupo dos cooperados adultos a maioria das entrevistas foi realizada com a participação do cooperado e da esposa, optando-se por chamá-los de Família cooperada e entendendo a entrevista como do núcleo familiar. Foram realizadas 41 entrevistas com este público. Já com os jovens, as entrevistas foram em sua maioria realizadas nas propriedades e algumas em momentos das reuniões. Ao todo foram realizadas 22 entrevistas com o público juvenil pertencente ao quadro da cooperativa, todos filhos de cooperados e alguns já cooperados individualmente. Quanto à coleta dos dados no grupo COOPAJOVEM foi realizada a aplicação de um questionário, pois ao final da reunião (Assembleia) foi disponibilizado um tempo para esse fim, o que totalizou 14 jovens respondentes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A natureza da instituição cooperativa, em seu duplo aspecto de o cooperado ser dono e ao mesmo tempo usuário dos serviços da organização, por si só gera conflitos de interesses significativos na gestão desses empreendimentos. Considerando ainda a complexidade das atividades desenvolvidas pelos agricultores (cooperados), torna-se mais dinâmico gerenciar a cooperativa, pois é imprescindível considerar que o cooperado, além de dono e usuário da cooperativa, é também agricultor e gestor de sua propriedade rural.

O aporte teórico que deu corpo e sustentação para a dissertação incluiu as seguintes categorias analíticas: Instituições (cooperativas e família), Juventude rural, Sucessão geracional (na agricultura familiar e em cooperativas agropecuárias). Ao analisar os discursos dos entrevistados

foram observadas opiniões relativas às instituições mencionadas e interpretações sobre as ações percebidas no âmbito da sucessão, bem como sobre o papel da cooperativa nesse processo. Ainda pode-se observar o posicionamento dos jovens em relação à expectativa de permanência nas atividades agrícolas e no meio rural.

A primeira ação percebida por todos os entrevistados foi o COOPA-JOVEM, que mesmo objetivando o desenvolvimento de lideranças para possível sucessão nos conselhos da cooperativa e em sua gestão, não apresenta envolvimento direto no que tange à sucessão geracional nas propriedades e muito menos quando o assunto é a atividade produtiva desempenhada nas mesmas. Percebe-se uma ação mais voltada às lideranças que fortalecem os jovens que já têm envolvimento no quadro organizacional da cooperativa, mas que se aproxima de forma insuficiente dos demais jovens pelo próprio desconhecimento de quem são eles e quais são seus anseios. É importante mencionar que os jovens do COOPAJOVEM participantes da pesquisa (apenas 14 jovens), além de não serem representativos pelo tamanho da organização, são em sua maioria urbanos e com intenções futuras distantes das atividades agropecuárias.

A outra ação é a oferta das bolsas de estudo. De acordo com o que administra a ação, as bolsas não têm o intuito de manter os jovens no campo e não há restrição de idade e nem quanto ao vínculo do bolsista com a cooperativa (filho, neto, cônjuge). Foi confirmado tanto pela diretoria quanto pelo próprio setor que a quase totalidade dos beneficiados encontra-se na faixa etária entre 16 e 30 anos; embora não seja o objetivo explícito da ação, verificou-se que aqueles que estão cursando o ensino superior estão vinculados aos cursos ligados às atividades agropecuárias. Salienta-se que quase metade dos jovens filhos de cooperados entrevistados utiliza, utilizou ou tem irmão que fez uso do benefício, e que essa foi a ação mais mencionada pelos jovens como estímulo no que tange à permanência nos negócios. Os jovens destacam que as bolsas estimulam a continuidade dos estudos e isso auxilia a continuidade deles nas propriedades familiares.

Em entrevista com a diretoria da cooperativa foi evidenciada a grande importância da OQS nas organizações cooperativas, pois esta pode ser

uma ferramenta de elo entre as ações. No entanto, a participação dos cooperados nas reuniões que ocorrem nas comunidades cooperativistas – forma como se organiza a OQS da cooperativa – é relativamente baixa, considerando que a cooperativa é bastante ativa nas propriedades dos cooperados. Isso pode ser justificado, em parte, pelo número alto de associados (2.898 em 2013) e também pela extensão territorial que a COOPA abrange (14 municípios). Porém, levando em conta os entrevistados nesta pesquisa, considera-se as reuniões como momentos propícios para o trabalho de conscientização da questão sucessória, pois nelas ocorre a participação de toda a família e não apenas do cooperado. Ademais, notou-se que apesar da significativa importância das ações que envolvem o quadro social da cooperativa no que tange ao estímulo dos filhos, a maior desmotivação parte dos próprios pais.

Um fato que merece relevância é a expectativa das famílias cooperadas quando o assunto é a estima por um filho tornar-se sucessor, pois 75,6% dos entrevistados demonstraram que gostariam que seus filhos assumissem a propriedade. Já entre os jovens entrevistados, 86,36% têm intuito de permanecer nas propriedades familiares, dando continuidade aos negócios, mesmo aqueles que trabalham prestando assistência técnica, pois conciliam atividades que são afins.

Os filhos de cooperados que desejam permanecer nas unidades produtivas são aqueles cujos pais investiram em melhorias na propriedade, principalmente com tecnologia. Mesmo nesses casos, os jovens em sua maioria, demonstraram interesse em suceder seus pais, porém trocando a atividade leiteira pela produção de café, pois consideram de forma geral que o leite representa um trabalho penoso, mesmo quando tecnificado. Vale inferir que o anseio em ser sucessor somente se concretizará se a atividade proporcionar rentabilidade; além disso, constatou-se também que os jovens estudados querem um “rural” que possibilite conforto e qualidade de vida e um trabalho que não seja penoso como foi na época de seus avós.

Ao contrário de outros contextos, a cooperativa está inserida em uma região que oferece oportunidade de estudos e capacitação para esses jovens, sem que precisem se deslocar, em alguns casos, nem mesmo de

município. Os jovens participantes quase em sua totalidade continuam residindo na zona rural e deslocam-se diariamente para a cidade onde realizam seus estudos, o que possibilita o trabalho na unidade de produção familiar. O segmento juvenil pertencente à amostra desta pesquisa se reconhece como rural, mas expõe um desejo de reconhecimento das profissões ligadas ao campo, pois consideram que a sociedade ainda as vê como atrasadas, em especial pelo posicionamento da mídia e pelo descaso governamental. Em diversos momentos, tanto os jovens quanto seus pais expressaram uma valoração positiva em relação à profissão e à continuidade das atividades, considerando que atualmente não mais se tem um trabalhador rural “matuto” e sim um trabalhador vinculado às tecnologias.

Diante disso, com base no que se vê na literatura sobre o assunto, o jovem rural é permeado de suas vivências e valores, o que por sua vez interfere nas escolhas e projeção futura. A percepção acerca do que o rural representa para eles e ainda seus sentimentos de realização neste meio, são formulados por meio das relações, tanto familiares quanto com o que os circunda. A juventude rural pesquisada percebe um rural tranquilo, vincula sentimentos de pertença familiar e amor à terra. O que chama a atenção também, é que esses jovens não sentem vergonha de serem rurais, ao contrário eles entendem que existe a necessidade de maior valorização externa em relação à profissão de agricultor.

Com base nos dados revelados pelas entrevistas, tornam-se perceptíveis as formas como a instituição cooperativa pode adentrar no auxílio da sucessão familiar nas unidades produtivas, considerando-se que os jovens pretendem suceder seus pais. Em primeiro lugar observa-se uma falha comunicativa entre os segmentos sociais, pois os discursos são próximos; o que se distancia e é mostrado com mais ênfase pelos jovens é o conflito entre eles e seus pais, mais precisamente quanto aos espaços de diálogos sobre a sucessão dentro da família.

Considerando que as cooperativas têm em seu princípio básico atender as necessidades de seus membros, cabe colocar que mesmo que a questão sucessória não seja de sua responsabilidade, existem mecanis-

mos que ela pode utilizar para amenizar tais falhas comunicativas em relação às unidades familiares, como por exemplo, nos espaços de reuniões dos cooperados.

Em segundo lugar, percebe-se que há uma falha quanto às capacitações tanto dos cooperados, quanto dos jovens no que se refere à gestão da propriedade, pois como exposto pelos segmentos entrevistados, ninguém quer ficar em um “rural” não rentável. Almeja-se tecnologia, conforto, certa estabilidade, qualidade de vida, tudo aquilo que se tem em outros espaços. Dessa forma, a cooperativa torna-se ferramenta fundamental para o fomento da aprendizagem quanto à educação financeira de seus cooperados, pois sem tal conhecimento acaba por ser não perceptível a rentabilidade do campo na ótica de seus cooperados, o que por consequência será transferido para seus filhos, dificultando uma sucessão eficaz.

Detectou-se, além da fragilidade nos diálogos intrafamiliares, um distanciamento da cooperativa e seu quadro social quanto à temática da sucessão geracional, caracterizando falhas nos canais de diálogos entre os segmentos e as instituições sociais. Fica evidente nesta pesquisa que os discursos são similares, porém o diálogo fica comprometido, resultando então em ações que em suas próprias estruturas são geradas sem afinidades com as reais necessidades dos cooperados. Portanto, há que se planejar ações que rompam com tal ciclo vicioso e que a partir destas os sujeitos percebam-se como agentes coletivos do desenvolvimento local.

Dado o grau de confiança que a cooperativa desperta entre os cooperados e o fato de que os filhos acompanham seus pais em reuniões promovidas por ela, sugere-se que o tema da sucessão comece a ser abordado nesses momentos, aproveitando-se a oportunidade de incluir esse debate entre a cooperativa, os pais e seus filhos.

4. CONCLUSÕES

Tendo em vista a complexidade que envolve o processo de sucessão familiar das unidades produtivas rurais e os diferentes atores sociais imersos nessa conjuntura, as cooperativas agropecuárias destacam-se neste

período de transição enfrentado pelas unidades familiares como um elemento que interfere diretamente na qualidade de vida das áreas rurais ao oferecer melhores condições de saúde financeira como forma de manter uma relação saudável com seus cooperados. Assim, as cooperativas agropecuárias podem desempenhar papel importante na promoção de espaços onde os filhos dos cooperados possam se sentir parte da propriedade de seus pais, o que por sua vez, pode auxiliar em melhorias na produção e na gestão dos negócios familiares, melhorando a renda e possivelmente a qualidade de vida, que são fatores importantes para os jovens tomarem sua decisão de permanecer no campo.

Nessa lógica, apoiou-se na premissa de que a cooperativa somente existe enquanto houver propriedade familiar e esta, por sua vez só se mantém ativa se tiver pelo menos um sucessor e ainda, este se manter na atividade agropecuária. Para tanto, foram analisados: o posicionamento da instituição cooperativa, da instituição familiar – por meio da fala das famílias cooperadas –, do grupo de jovens da cooperativa e ainda dos filhos dos cooperados. Duas foram as principais ações notadas, porém nenhuma delas tem o intuito, em sua essência, de focar nos processos de sucessão, em especial nas unidades produtivas familiares. São elas: o grupo de jovens da cooperativa – COOPAJOVEM e as bolsas de estudo. Porém, nas falas dos participantes da pesquisa pode-se notar a importância do técnico de campo, pois além de ser uma extensão da instituição, tornando-a próxima das famílias cooperadas, é um instrumento de estímulo para os produtores rurais, bem como para seus sucessores. É por meio desse profissional que ocorre grande parte do incentivo de crescimento de produção, melhorias nos processos, inclusão de tecnologia e como visto na literatura, sabe-se que estes são fatores importantes no momento de decisão dos jovens, em permanecer ou não, tanto no campo quanto nas atividades já desenvolvidas pelos seus pais.

As ações indiretas e ainda a justificativa dada pelos dirigentes da cooperativa de não se ter programas específicos para os processos sucessórios, em parte pela falta de profissionais qualificados para tal, também foram percebidos nas pesquisas consultadas. A contribuição aqui foi en-

volver na análise tanto a instituição cooperativa quanto as famílias cooperadas e seus filhos, o que possibilitou uma visão ampla quanto aos discursos dos envolvidos. As ações desenvolvidas na COOPA vão ao encontro das observadas nas pesquisas apresentadas na dissertação, pois o que se observa é que as ações, de forma isolada, não apresentam resultados totalmente eficazes.

Finalmente, a pesquisa aqui apresentada, ao contribuir para o debate da sucessão geracional, em especial nas cooperativas agropecuárias, torna-se um convite para futuras pesquisas que aprofundem, por meio de outros estudos de caso em diferentes regiões do país, as análises sobre os desafios que a sucessão vem colocando no cenário rural contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, 1998.
- ROSA, C. I. L. F.; SILVA, O. H.. Sucessão familiar e cooperativismo: o caso da cooperativa Cooperval. *Revista NUPEM (Impresso)*, v. 2, p. 177-187, 2010.
- SPANVELLO, R. M.; DREBES, L. M.; LAGO, Adriano. A influência das ações cooperativistas sobre a reprodução social da agricultura familiar e seus reflexos sobre o desenvolvimento rural. In: II CONFERÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO, 2012, Brasília. *Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos*, 2011.
- SPANVELLO, R.; LAGO, A.. As cooperativas agropecuárias e a sucessão profissional na agricultura familiar. In: XLV CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 2007. *Anais Conhecimento para a Agricultura do Futuro*, Londrina, PR, 2007.

Agência Financiadora da Pesquisa: CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e SEDE – Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais por meio do Observatório Mineiro do Cooperativismo.

Banca: Sheila Maria Doula, Brício dos Santos Reis e Pablo Murta Baião Albino.